

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. In: ESTERCI, Neide; FRY, Peter; GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Fazendo Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LINHARES, A. M. A. *De caco a espetáculo: a produção cerâmica de Cachoeira do Arari (ilha do Marajó, PA)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SCHAAN, Denise Pahl. Cultura marajoara: história e iconografia. In: MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. *Arte da terra: resgate da cultura material e iconográfica*. Belém: SEBRAE, 1999.

_____. Origens e significados da cerâmica marajoara. In: GALLO, Giovanni. *Motivos ornamentais da cerâmica marajoara: modelos para o artesanato de hoje*. Cachoeira do Arari(PA): Museu do Marajó, 2005.

IDENTIDADE, IMAGINÁRIO E SIMBOLISMO

Denise Machado Cardoso
Faculdade de Ciências Sociais/UFPA

RELOUZAT, Raymond. *Tradicion orale et imaginaire créole*. Martinique: Îbis Rouge Editions, 1998.

Raymond Relouzat delimita a mitologia como objeto sociocultural da Antropologia. Ele toma a mitologia como o primeiro discurso humano sobre si mesmo e a analisa sob o ponto de vista da ciência antropológica – por ele considerada, por excelência, a ciência do homem. Estudar mitologia requer também o uso de estudos genealógicos, visto que na busca da origem, há elementos de filiação. Nesse sentido, observa-se o encontro da antropologia biológica com a antropologia social, no qual se articulam valores físicos e morais de filiação.

Raymond Relouzat inicia seu trabalho com a discussão sobre o sentido da palavra *criola*, salientando que há ainda dúvidas acerca da origem desse termo. Além disso, ele define *criolo* como um indivíduo adaptado e aclimatado ao Novo Mundo por meio de um processo de aculturação, e a afirmação dessa cultura seria a *criolidade*.

No que se refere à mitologia *Criola*, Relouzat a considera um subconjunto da mitologia geral das Américas. A integração a essa mitologia geral ocorreu por meio de referências simbólicas comuns, cuja história socioeconômica foi denominada pelo sistema colonial e escravocrata. As relações humanas desse sistema foram marcadas pela preeminência ontológica de indivíduos de origem europeia sobre as de raça ditas de cor, autóctones, ou com origem exterior à América. As referências a esses aspectos sociais são marcantes em todo o imaginário americano, bem como em sua tradição oral.

O autor atribui grande importância à língua *criola* como referência simbólica nessa mitologia. E, embora possua referência de outras línguas, como

a espanhola e a francesa, a língua *criola* reveste-se como um princípio geral dentro de uma classificação do que seja a referida mitologia. O espaço delimitado como sendo aquele de cultura *criola* por excelência é o centro-americano, e o ato decisivo para fundação da mitologia foi a instituição de sua língua em meados do século XIX, cujos subconjuntos são os contos, as lendas e os mitos. Ao longo da obra, a utilização destes subconjuntos em língua *criola* é preponderante para explicar a importância da tradição oral no imaginário dessa cultura. A oralidade é um aspecto principal na língua *criola* e seus dialetos visto que mantém toda uma série de crenças e representações simbólicas, bem como pensamentos e sentimentos dessa cultura.

Ao analisar o aspecto da cor, verifica-se a superioridade ontológica do branco europeu em detrimento de negros, ameríndios, mulatos e hindus. Ao analisar o contexto colonial-escravista dessa história das Américas, nota-se uma relação genealógica com ancestrais míticos que foi manipulada simbolicamente pelos senhores de escravos. Todavia, tal manipulação não ocorreu de maneira plena, pois grupos étnicos dominados mantiveram e desenvolveram uma série de lendas e mitos relacionados a heróis e semideuses de sua cultura de origem.

No capítulo inicial, a explicação sobre a construção do imaginário *criolo* se desenvolve por meio da análise de contos da tradição oral referente *criola*. Ao apresentar esses contos, evidenciam-se os seus pontos em comum – o primeiro grupo de contos apresenta a ideia de um ser (rei ou pássaro) que renasce das cinzas –, no segundo grupo, há jovem o herói que ajuda moças (parentes ou não) a se libertarem de castelos fortemente guardados, além da presença do diabo com aparência humana e sedutora.

Há dentro desses contos elementos de culturas diversas e também uma série de simbolismos. Há três figuras exemplares dentro desse simbolismo: primeiro, o jovem herói de nascimento misterioso e capaz de ressuscitar para libertar jovens presas em castelos; segundo, o mestre, rei, ou diabo, que aterroriza e impõe tarefas impossíveis, além de ser antropófago; e terceiro, a jovem presa e guardada que monta estratégia para ser libertada. Esses contos serão retomados por meio dessas figuras durante toda a obra.

Ao se debruçar sobre aspectos do imaginário *criolo*, sobre flores e pássaros, Relouzat destaca como pontos de análise as figuras de identidade *criola* e a manipulação política de suas referências simbólicas. Em sua obra, há aliança entre tradição oral e muitos eventos históricos. Quatro personalidades serão analisadas com intuito de verificar essa relação: Toussant Louverture, Dessalines, Christophe e o pai de Jean-Bertrand Aristide.

Toussant é Deus ou semideus asteca (deus da guerra ou do sol). Ele traz como referência o beija-flor: flor é referência feminina a seu parentesco nobre e matrilinear; pássaro de gestos rápidos e ágeis; figura do libertador; tamanho pequeno como Toussant; além da fauna das Antilhas. Dessalines foi participante ativo no processo de independência. A principal referência a esta personalidade é o pintade: pássaro vigilante; mais terrestre que aéreo; influenciou nas cores da bandeira e hino nacional e ama a dança. Christophe é apresentado como o Rei do Norte e sua referência é a Fênix. Os elementos se referem ao amor à dança. A dança é a animalidade por meio do prazer do corpo. E, por fim, o pai de Jean, Bertrand Aristide, que traz como referência o galo de briga, pois está relacionado ao poder e luta.

Há por parte dessas pessoas uma manipulação política de símbolos com base na ambigüidade de seus elementos. O galo, que é o símbolo da França, possui um quê de aristocracia, mas também pode ser relacionado ao proletariado. Um outro símbolo analisado é a flor vermelha, típica das Antilhas, usada pelo Partido Progressista (Martinica) com modelo comunista. Desse modo, os partidos políticos usariam flores como símbolo para uma melhor identificação e controle do imaginário.

No capítulo referente ao conto “Aurore e Zepherin”, a ênfase recai sobre a influência da cultura da minoria indiana no imaginário *criolo* (trilogia colonial acrescida do elemento indiano). A ideia básica é discutir o processo de miscigenação e sua expressão simbólica dos benefícios dessa mistura racial em uma sociedade escravista e racista. O casamento de Aurore (branca) com Zepherin (negro) simbolizaria essa mistura racial, com acréscimos de elementos

de grupos étnicos não componentes da trilogia colonial, manifestos em cerimoniais expressos simbolicamente nesse conto.

A mitologia *criola* foi constituída antes da chegada de hindus e a importância dessa comunidade no conjunto populacional das Antilhas francesas é significativa, pois contribui para que o personagem indiano típico fosse culturalmente identificado no conto crioulo. Nesse capítulo, a exclusão socioeconômica não é verificada em sentido cultural.

A proposta de análise sobre o imaginário crioulo parte de um enfoque antropológico de aspectos lingüísticos desta cultura. Utilizando-se de subconjuntos da referida língua, Relouzat desenvolve um estudo comparativo entre as diversas modalidades de contos, mitos e lendas *criolas*. Além disso, ele compara esses subconjuntos com outros de línguas de grupos sociais que contribuíram na formação etnocultural da sociedade *criola*.

As comparações entre subconjuntos, ou seja, entre os contos de língua *criola*, língua européia ou língua de outro grupo étnico, evidenciam que apesar das numerosas variações, esses contos possuem muitos pontos em comum. Da mesma maneira, registram-se invariantes significativas por meio da comparação de mitos e lendas *criolas* entre si e entre as de outras culturas.

A análise nos moldes estruturalistas se sobressai, principalmente quando Relouzat apresenta uma matriz ou modelo referente ao subconjunto de línguas que contribuíram para a formação da cultura *criola* ou quando apresenta um modelo matricial das versões *criolas* sobre um mito ameríndio de origem. A busca dessas invariantes caracteriza, dentre outras coisas, a utilização estruturalista de abordagem de culturas. Quando analisa mitos, a organização binária de seus componentes se destaca, além disso, Relouzat considera a cultura *criola* uma forma de linguagem, uma maneira de comunicar a maneira de ser das pessoas dessa cultura.

Outro elemento a ser destacado nessa obra é o aspecto funcionalista da abordagem sobre o uso do conto crioulo na escola formal. Busca-se a aplicação de conhecimento da ciência antropológica e a identificação da funcionalidade, ou não, de elementos de contos comuns a várias culturas. Quando Relouzat

propõe estudar as implicações da tradição oral no imaginário crioulo, ele não visa apenas a um levantamento histórico da origem dinâmica ou as características dessa cultura. Seu objetivo principal está ligado ao movimento de *criolidade* ou *criolitude*. Assim, pode-se considerar que a proposta básica dessa obra é explicar a relação entre a oralidade de uma tradição *criola* e seu imaginário, além da utilização desse imaginário em uma representação e prática que se revertissem em benefícios (ou não) a essa sociedade. A mudança ocorreria não apenas no discurso sobre o que é ser *criolo*, mas também na postura do ser *criolo*.

Como reverter, então, esse quadro de dominação de pessoas da cor branca ainda nos dias atuais, apesar do fim da escravidão? Ao que tudo indica, o autor tem consciência de que é necessário alterar, inicialmente, o quadro referente ao imaginário *criolo* que considera apenas o branco como dominante e os demais, depreciativamente, como dominados e excluídos.

A obra de Relouzat demonstra ser possível utilizar, de maneira concomitante, várias bases de conhecimento antropológico. Apesar de apresentar uma trajetória estruturalista, o funcionalismo, o difusionismo e o interpretativismo são também perceptíveis. Dessa maneira, observa-se certa variabilidade de abordagens sobre um mesmo tema.

O autor destaca, ainda, a preocupação com estudos feitos por pessoas da própria sociedade a ser estudada. A “Antropologia em casa” demanda uma série de obstáculos que os “estrangeiros” não enfrentariam, embora algumas dificuldades sejam comuns a ambos. Olhar nem sempre significa ver e enxergar; e olhar a si mesmo é algo fascinante pela sua complexidade, mas que nos é permitido e facilitado pela Antropologia.

1. POVOS INDÍGENAS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: DAS MALOCAS À ALDEIA GLOBAL

Resumo: Os povos indígenas vivem na marginalidade do sistema internacional, mais no campo das idéias do que na esfera fática, embora muito da literatura produzida pela Antropologia, Etnologia e Sociologia possua elementos de análise e discursivos por vezes semelhantes aos padrões utilizados em relações internacionais. O presente artigo pretende evidenciar que os povos indígenas, particularmente na América Latina, constituem tema relevante em política internacional. Objetiva também identificar a razão de a temática indígena constar principalmente de forma fragmentária no debate teórico em relações internacionais. Finalmente, aponta para a possibilidade de um viés antropológico em Teoria de Relações Internacionais.

Palavras-chave: Povos indígenas. Etnicidade. Relações internacionais.

INDIGENOUS PEOPLE AND INTERNATIONAL RELATIONS: FROM MALOCAS TO GLOBAL VILLAGE

Abstract: Despite the fact that some theoretical contributions from the sociological, anthropological and ethnological literature have similarity with the analytical methods applied in international relations research, indigenous people are settled in the ghetto of international system more in the academic field than in the phenomenology of international relations. First of all, this article aims to evince that indigenous people, particularly in Latin America, constitute relevant issue for the International Relations and Foreign Policies researches. Then, it tries to identify some reasons why the study of indigenous issues is so fragmented in the International Relations theoretical debate. Finally, fingers out to the possibility of an anthropological bias for International Relations Theory.

Key words: Indigenous people. Ethnicity. International relations.